

O LUGAR DA PEDAGOGIA¹:

espaço de formação do educador (social) crítico²

Nayara de Souza Costa
Universidade Federal do Amazonas
Maria Nilvane Fernandes
Texas Tech University - TTU

RESUMO:

A problemática motriz que orienta a investigação e as reflexões produzidas neste artigo buscam demonstrar que as bases epistemológicas da Pedagogia Social, encontram-se alicerçadas em pensadores que compreendem a educação como um espaço para a formação moral, religiosa, não científica e lúdica. Para tanto, apresentamos ao leitor o percurso histórico de constituição da Pedagogia Social e suas bases de sustentação, a partir dos objetivos específicos de: a) caracterizar os fundamentos da Pedagogia Social dos principais referenciais, sendo eles, Pestalozzi, Basedow e Fröebel; e, b) identificar as raízes da formulação da Pedagogia Social na Alemanha e a sua íntima relação com o pensamento de Durkheim; e, finalmente, identificar o seu percurso no Brasil. A fim de atender ao proposto, realizamos uma pesquisa bibliográfica, o qual obtêm-se como considerações que o percurso da Pedagogia Social está relacionado a momentos históricos de grandes transformações do século XIX e XX, e que se assenta em aspectos religiosos imbuído de um caráter comunitário, que demarcou o processo de sua institucionalização face ao panorama deixado pelas duas grandes guerras do último século. Destarte, desde o início o foco dessa concepção pedagógica foi atender indivíduos/sujeitos em situações de vulnerabilidade, ensejando uma pedagogia caritativa e acrítica que busca conformar o indivíduo para aceitar o seu lugar na luta de classes. Nesse aspecto, o texto defende a formação do profissional que atua na área social como Pedagogo ou Educador nos Cursos de Pedagogia, já que é nesta formação que os profissionais podem compreender os fundamentos teóricos de uma educação crítica e socialmente posicionada.

PALAVRAS-CHAVE: luta de classes. educação. epistemologia. pedagogia. pedagogia social.

Abstract

The driving problem that guides the research and the reflections produced in this article seek to demonstrate that the epistemological foundations of Social Pedagogy are based on thinkers who understand education as a space for moral, religious, non-scientific, and playful training. To this

¹ Este artigo é uma homenagem à professora e Pedagoga Selma Suely Baçal de Oliveira. Professora, Pedagoga e militante incansável em favor de uma educação amazônica pública, laica e gratuita para todos/as, porque o que é produzido por todos, deve ser compartilhado por todos os homens e mulheres da sociedade.

² Os resultados são provenientes da participação no mestrado em Educação na Universidade Federal do Amazonas sob fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

end, we present the reader with the historical background to the establishment of Social Pedagogy and its foundations, based on the specific objectives of: a) characterizing the foundations of Social Pedagogy from the main references, namely Pestalozzi, Basedow and Fröebel; and, b) identifying the roots of the formulation of Social Pedagogy in Germany and its close relationship with Durkheim's thinking; and, finally, identifying its path in Brazil. To meet our objectives, we carried out a bibliographical survey, which revealed that the course of Social Pedagogy is related to historical moments of great transformation in the 19th and 20th centuries, and that it is based on religious aspects imbued with a community character, which marked the process of its institutionalization in the face of the panorama left by the two great wars of the last century. Thus, from the outset, the focus of this pedagogical conception was to serve individuals/subjects in situations of vulnerability, giving rise to a charitable and uncritical pedagogy that seeks to conform individuals to accept their place in the class struggle. In this respect, the text defends the training of professionals who work in the social area as Pedagogues or Educators in Pedagogy courses, since it is in this training that professionals can understand the theoretical foundations of a critical and socially positioned education.

KEYWORDS: class struggle; education; epistemology; pedagogy; social pedagogy.

Resumen

El problema motor que orienta la investigación y las reflexiones producidas en este artículo buscan demostrar que los fundamentos epistemológicos de la Pedagogía Social se basan en pensadores que entienden la educación como un espacio de formación moral, religiosa, no científica y lúdica. Para ello, presentamos al lector los antecedentes históricos de la formación de la Pedagogía Social y sus fundamentos, a partir de los objetivos específicos de: a) caracterizar los fundamentos de la Pedagogía Social a partir de las principales referencias, a saber, Pestalozzi, Basedow y Fröebel; y, b) identificar las raíces de la formulación de la Pedagogía Social en Alemania y su estrecha relación con el pensamiento de Durkheim; y, finalmente, identificar su trayectoria en Brasil. Para cumplir nuestros objetivos, realizamos un relevamiento bibliográfico, que reveló que la trayectoria de la Pedagogía Social se relaciona con momentos históricos de gran transformación en los siglos XIX y XX, y que se basa en aspectos religiosos imbuidos de un carácter comunitario, que marcó el proceso de su institucionalización frente al panorama dejado por las dos grandes guerras del siglo pasado. Así, desde el principio, el foco de esta concepción pedagógica fue atender a los individuos/sujetos en situación de vulnerabilidad, dando lugar a una pedagogía caritativa y acrítica que busca conformar a los individuos para que acepten su lugar en la lucha de clases. En este sentido, el texto defiende la formación de los profesionales que actúan en el área social como Pedagogos o Educadores en cursos de Pedagogía, ya que es en esta formación que los profesionales pueden comprender los fundamentos teóricos de una educación crítica y socialmente posicionada.

PALABRAS CLAVE: lucha de clases. educación. epistemología. pedagogía. pedagogía social.

1 INTRODUÇÃO

A análise histórica da educação evidencia que essa prática não institucional e que na modernidade se tornou institucionalizada, sempre foi alvo de disputas e articulações tanto no projeto de manutenção do *status quo* quanto

no desenvolvimento de práticas emancipatórias. Na modernidade, as ações voltadas para a sua organização, estrutura e objetivos, sofreram modificações ou permanências a depender do contexto histórico, social, político e econômico de cada época.

As concepções elaboradas historicamente em torno do ato de educar expressam finalidades em relação a sua organização, estrutura e objetivos a depender dos objetivos traçados por determinado grupo de indivíduos situados em um recorte temporal e social específico. Assim, a educação pode ser tanto um instrumento de aprofundamento e naturalização das desigualdades sociais como uma base crítica de compreensão da realidade concreta.

Dentre as concepções e formas de concebê-la está a Pedagogia Social, cuja identificação direciona a uma primeira problematização, qual seja, entender por qual motivo tornou-se necessário adjetivar as palavras educação e Pedagogia para se referir a um tipo específico de educação. Para tanto, traçaremos o percurso de sua construção a fim de delinear essas questões.

Isso posto, o artigo de caráter bibliográfico, visa compreender o percurso histórico de constituição da Pedagogia Social e suas bases de sustentação a partir do século XIX, numa relação local e Global. De antemão, destaca-se que tanto a educação em sua forma institucionalizada escolar quanto a criação de uma Pedagogia Social para uma Educação Social, é uma construção histórica não linear.

2 O LUGAR DA PEDAGOGIA ENQUANTO CIÊNCIA

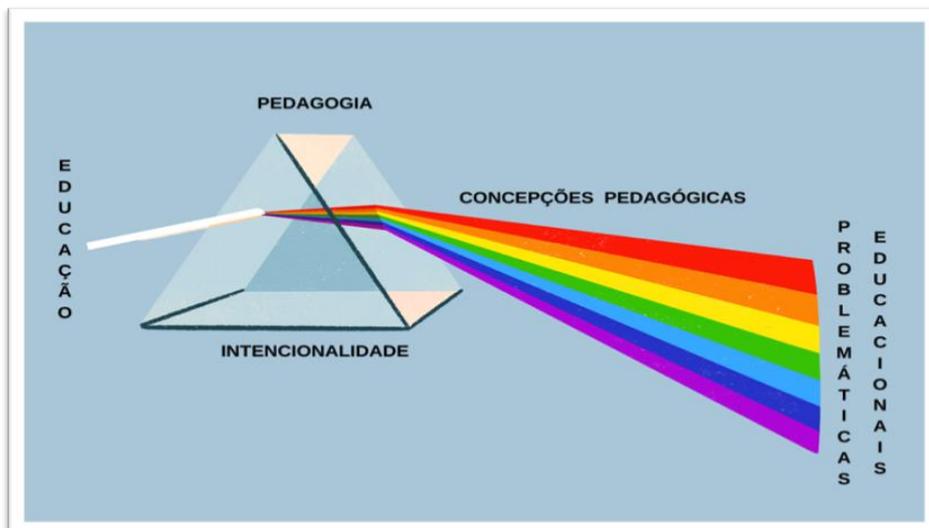
A educação escolar hodiernamente laica, gratuita e, também de responsabilidade estatal passou por uma reestruturação que demandou a organização do ensino sob os moldes que se estabelecera. Isto posto, coube formatar as instâncias, os profissionais e atribuições prioritárias às necessidades da sociedade como um todo, mormente o sistema no qual se assenta o modelo de produção.

O atributo ou não de cientificidade da Pedagogia perpassou esse processo histórico da própria construção sobre o entendimento de educação. A despeito disso, Libâneo (2009) aponta quatro posicionamentos que marcaram

sua trajetória, quais sejam: a) única ciência da educação ou ciência geral, o qual é criticada por pretender *exclusividade* o tratamento científico da educação; b) ciência da educação em que não aparece o termo Pedagogia e que corresponde o viés positivista firmado nas ideias de experimentação e tecnologia educacional; c) ciências da educação sem o termo Pedagogia, criticada por provocar a dispersão no estudo da problemática educativa com maior difusão em países como Alemanha e Espanha, e; d) ciências da educação, que entende a autonomia epistemológica da Pedagogia entre as demais que se voltam ao fenômeno educativo.

Portanto, não existe um consenso quanto à posição da Pedagogia frente a prática educativa, entretanto, em acordo com os pressupostos teórico metodológicos que nos orienta, entendemos a ciência da educação conforme proposta por Saviani (2020), para quem, as demais ciências (sociologia, psicologia, economia, antropologia, biologia) já possuem seu próprio objeto externo à educação, contudo, quando buscam aprofundar algum ramo específico, passam pela educação subsidiados pelos seus aportes. O termo ciência da educação, é escrito no singular, como uma inferência ao fato de que a preocupação parte da educação e retorna para ela. Portanto, ao invés de considerarmos o fenômeno a partir dos critérios de outras áreas, entendemos que as problemáticas educativas possuem um espaço teórico próprio pelo qual se articula às diversas contribuições de outras ciências. Logo, o processo educativo ganha destaque dentro de sua própria formulação e reformulação.

Figura 1: Pedagogia Ciência da Educação



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.
Nota¹: Baseado nas análises de Saviani, 2020 e Libâneo, 2009.

Como demonstra a Imagem, a educação – inerente à vida e proveniente dos resultados do tornar-se humano – passa pelo prisma da Pedagogia, e essa a compreendendo de forma intencional se desdobra na constituição de concepções pedagógicas sobre questões problemas que surgem ao decorrer do tempo, sobremaneira, por via de investigações. No caminho inverso, as problemáticas a depender de quem a concebe passa pela ciência sistematizadora e reverbera no entendimento da própria educação, portanto, é possível perceber as particularidades da totalidade que não se reduzem à soma das partes.

Nesse apanhado, compreendemos os porquês das dúvidas que pairam sobre a identidade da área. Elas refletem no reconhecimento ou não da sua posição de ciência, e nas formas educacionais em que são formuladas as práticas educativas. Há, portanto, a restrição da educação ao âmbito escolar e à docência como base e fim último das atribuições do pedagogo. Por esse motivo, as políticas educacionais a detiveram como espaço prioritário como de fato é, mas não somente.

Por fim, o questionamento *o que caracteriza a Pedagogia?* Como vimos, marca um mal-estar existencial na área em relação ao uso das terminologias e/ou compreensão do objeto que englobam (Saviani, 2020). Isto posto, com as transformações sociais, adicionam-se outras perguntas que complexificam a

priori a identidade, por exemplo, se a educação é inerentemente ao social e consiste no foco da pedagogia, que por sua vez, também tem esse aspecto como fundante, o que define a adjetivação social na sua nomenclatura? Esse questionamento se faz pertinente, posto que no âmbito educacional atual, têm-se utilizado o termo Pedagogia Social para as práticas realizadas no campo da educação não escolar face ao foco destinado pela Pedagogia como aspecto da educação institucionalizada.

Assim, existem contradições quanto aos interesses em torno da concepção de educação e do espaço ocupado pela Pedagogia. Por um lado, tem-se o entendimento da Pedagogia Social como uma das ciências da educação e, por outro, como uma área da Pedagogia voltada ao trabalho educativo de solidariedade social assentada em bases comunitárias (Carvalho; Baptista; Pinto, 2020). De modo geral, corresponde ao que também se denomina de educação não escolar.

3 OS TEÓRICOS QUE ORIENTAM O PERCURSO CONSERVADOR DA PEDAGOGIA (SOCIAL)

Originada na Europa do século XIX, a Pedagogia Social teve como influência os escritos do suíço Johan Heinrich Pestalozzi (1746-1827). Apresentado por alguns estudiosos da área como o fundador da Pedagogia Social, Pestalozzi, foi sem dúvida um dos grandes seguidores de Rousseau³ e seu grande mérito foi conseguir concretizar os princípios educativos enunciados por ele – que como um legítimo representante da pequena burguesia, desconsiderou o percurso das pequenas escolas que propunham uma educação para as massas, dando ênfase para a educação da classe à qual pertencia – já que propôs uma educação nos moldes opostos para a classe social desfavorecida (Zanella, 2018).

Convém mencionar, entretanto, que grande parte das ideias e práticas agrupadas sob o seu nome foram trabalhos de seus auxiliares e alguns mestres

³ Jean Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo social, teórico político e escritor suíço que eternizou a tese de que o homem é produto do meio social em que vive. Suas ideias influenciaram a Revolução Francesa. Foi o mais popular dos filósofos que participou do iluminismo, movimento intelectual do século que viveu (Monroe, 1969; Riboulet, 1951).

que prosseguiram a obra iniciada por Pestalozzi. Para Monroe (1988) foram teóricos educacionais, especialmente Herbart e Fröebel, que uniram todo o conhecimento prático de Pestalozzi a uma filosofia mais ampla, o que ele mesmo não teria sido capaz de fazer.

Resumidamente, Pestalozzi norteou a sua visão sobre a educação em preceitos cristãos. Decorrente dessa compreensão de mundo, as suas atividades tiveram como foco à infância pobre, o que o levou a unir a instrução para o trabalho manual ao treinamento mental e moral. Segundo Zanella (2018), ele foi o precursor de um pensamento pedagógico que teve como principal função amortecer os conflitos sociais em um contexto de ebulição e de mudança da ordem. Para tanto, a sua base teórica buscou educar a sociedade civil por meio de uma formação espiritual para o desenvolvimento moral – o que por si só já apresenta um caráter conservador – e promover o ensino intuitivo como forma de alcançar a instrução. Nesse aspecto, a educação científica nunca foi o seu maior objetivo, visto que ele dava pouca importância ao

[...] estudo como algo textual, que levasse em conta as palavras a serem apreendidas e mesmo os conceitos por elas expressos. [...]. Guiado por esses princípios básicos, eu não procurava no começo, com tanta pressa, que as minhas crianças avançassem na soletração, na leitura e na escrita, mas que elas desenvolvessem, com esses exercícios, da maneira mais polivalente e ativa, as faculdades da alma em geral (Pestalozzi, 1997, p. 156).

Ainda segundo Zanella (2018) o educador pensava libertar os filhos dos mais pobres do atraso e da marginalidade psicológica e cognitiva, inserindo-os como elementos produtivos sem alterar as condições econômicas que os mantinham em situação desigual. A sua prática marcou o início de um período em que se passou a retirar as crianças de suas famílias para serem institucionalizadas, sendo essa uma prática precursora do menorismo. E, em suas palavras: “Na verdade, eu pretendia provar, com minha experiência, que as vantagens da educação familiar devem ser reproduzidas pela educação pública e que a segunda só tem valor para a humanidade se imitar a primeira”

(Pestalozzi, 1997, p. 144). Para atingir esse objetivo as crianças pobres eram retiradas de suas famílias e inseridas nas instituições que o educador organizou para colocar em prática a sua forma de entender a educação – o que podemos identificar como uma experiência *quase* menorista.

Guiado por esses princípios básicos, eu não procurava no começo, com tanta pressa, que as minhas crianças avançassem na soletração, na leitura e na escrita, mas que elas desenvolvessem, com esses exercícios, da maneira mais polivalente e ativa, as faculdades da alma em geral (Pestalozzi, 1997, p. 156).

Resumidamente podemos dizer que Pestalozzi traçou uma linha de continuidade entre o pensamento de Rousseau e o de Basedow⁴ que criou em 1764, o *Philanthropinum* ou a Escola de Filantropia. A caridade sempre foi uma prática associada ao catolicismo durante toda a Idade Média. A prática caritativa era uma forma dos senhores feudais expiarem seus pecados. A filantropia seria, portanto, uma espécie de laicização da caridade e da benemerência da Igreja Católica.

A rigor, foi Basedow que sistematizou a proposta de reforma moderna, centrada em duas bases: os seminários dos mestres, isto é, nas escolas normais e na redação de uma enciclopédia escolar que formava um ABC dos conhecimentos humanos, fundamentado nos princípios de Comenius, Locke e Rousseau, denominada de Elementar (1774). A proposta de Basedow, transformou-se na primeira fórmula positiva naturalista que foi levada a termo em forma de instituição educativa (Zanella, 2018).

Discípulo de Pestalozzi, o alemão Friedrich Wilhelm August Fröebel (1782-1852) foi um educador fundador dos jardins de infância. Da mesma maneira, que Pestalozzi, orientava-se por preceitos religiosos, porém, a sua proposta de educação diferenciava-se por defender a livre expressão da

⁴ Johann Bernhard Basedow (1724-1790) foi um reformador educacional alemão, professor e escritor que fundou o *Philanthropinum*, uma escola de curta duração, mas que influenciou a construção do conceito de filantropia ou filantropismo. Foi também o autor de *Elementarwerk*, um dos primeiros livros de textos populares ilustrados para crianças (Riboulet, 1951; Larroyo, 1970).

essência humana das crianças através das artes plásticas e dos jogos (Arce, 2002).

Segundo Angotti (2002) Fröebel é considerado o pedagogo da infância, por ter priorizado, durante toda a sua vida, o processo de descortinar a criança, conhecê-la em seus interesses, em suas condições e necessidades, o que também uma característica dos escola novistas. Suas ideias reformularam a educação sustentada em princípios e convicções que fazem com que o cristianismo e a filosofia clássica alemã aparecessem mais ou menos combinadas (Monroe, 1988). Ademais, a sua Pedagogia advoga os preceitos da liberdade e da atividade prática, portanto, possui relação direta com a chamada escola nova, ou ainda, a sua vertente a escola ativa.

Assim, podemos dizer que os debates sobre a educação social, geralmente, sustentam-se em um tripé: a percepção moral e religiosa de Pestalozzi; a crítica à educação escolar científica e a defesa de uma educação elementar de Basedow; e, a ideia de que a educação deve ser lúdica e prazerosa de Fröebel, que ao fim e ao cabo, defende que é mais importante como o estudante se sente em um determinado ambiente do que aquilo que é ensinado a ele, sendo essa, geralmente, a base teórica dos autores que se ocupam da área e que sustentam as críticas realizadas à Pedagogia e que justificariam o fato de que a Pedagogia é capaz de formar o Pedagogo, mas não é suficiente preparada para formar o educador social.

3.1 Os desdobramentos da Pedagogia Social na Alemanha

O contexto vivenciado por esses educadores teve como pano de fundo acontecimentos históricos, como a Revolução Industrial (1760-1840), Revolução Francesa (1789-1799), as guerras napoleônicas (1803-1815), Revolução das Primaveras dos Povos (1848) e constituição do modelo econômico capitalista, que marcaram as suas produções. No campo educacional, ambos tinham influências do protestantismo, a partir do qual a caridade cristã orientava as atividades realizadas com as crianças pobres, uma vez que esse indivíduo adquirira centralidade nas relações sociais, de acordo com o processo de difusão

ideológica do modelo burguês de família, mulher e criança e de adaptação ao modelo vigente (Arce, 2002).

Assim, a Pedagogia Social está associada a sociedade industrial e “[...] a las profundas alteraciones que se producen ante los fenómenos de masificación urbana, proletarización del campesinado, relajación de vínculos familiares, desigualdades sociales, pobreza” (Mendizábal, 2017, p. 23). Portanto, está ligada as mudanças na organização social do trabalho em sua relação intrínseca com a educação a fim de responder as exigências, que outrora revolucionárias, perdera o caráter pela imposição de uma adaptação nos moldes favoráveis da classe burguesa.

Dessa forma a educação voltada aos pobres tinha como foco o trabalho manual situado longe dos espaços escolares, por um lado, crianças e mulheres ocupavam os espaços da fábrica e, por outro, quando na classe burguesa, esses assumiam um caráter idealizado disseminado em propostas que pretenderam tratar da educação, como a Pedagogia Social.

Mencionado pela primeira vez no século XIX, a atribuição de seu uso é destinada a diferentes autores, dentre eles, o pedagogo e historiador literário alemão Karl Friedrich Mager (1810–1858) quando na elaboração da Revista Pedagógica em 1844. Segundo Caride (2004), alguns anos depois, o pedagogo alemão Friedrich Adolf Diesterweg (1790–1866) alterou e restringiu um pouco o significado do conceito utilizado por Mager. Ele utilizou o termo em 1850 para catalogar diferentes publicações sobre pedagogia mental, didática e metodologia em um guia bibliográfico de classificação de referências para a formação de professores alemães.

Finalmente, o filósofo pedagogo alemão Paul Gerhard Natorp (1854–1924), analisou a Pedagogia Social como uma disciplina pedagógica vinculando a expressão próxima de Pestalozzi em que rejeitava a concepção individualista e intelectualista do filósofo e pedagogo Johann Friedrich Herbart (1776-1841) que se sustentava na ética e na psicologia em seus tratados (Caride, 2004). Como é possível observar, o termo foi cunhado por pensadores alemães, ainda que as primeiras menções não tivessem intenções científicas quanto ao conteúdo, termo e identidade da área pedagógica

Nesse aspecto, convém mencionar que esses usos fazem referências às primeiras (quatro) etapas do desenvolvimento da área no contexto alemão. Segundo Díaz (2006), o primeiro momento (1850-1920) caracteriza-se pelo uso do termo apenas para classificação de determinadas bibliografias pedagógicas sem a intenção epistemológica, sendo Paul Natorp uma figura importante. Para ele, o homem individual não é uma abstração, mas sim um ser social que alcança seu progresso mediante a ação educativa promovida pela comunidade, assim, a Pedagogia Social para ele é a própria Pedagogia. Contudo, apesar que seja inventor do termo, ele não a elaborou como ciência pedagógica, mas como uma pedagogia sociológica.

Esta ideia se aproxima da transição de uma concepção pedagógica particular do homem, que entende que a história social dos seres humanos não possui importância constitutiva para o desenvolvimento mediado pela participação no mundo histórico-social. O sociólogo francês Durkheim⁵ aproximou-se dos filósofos Georg Hegel⁶ e August Comte⁷ tonando-se um dos expoentes dessa visão, de que ação social é uma modeladora das categorias intelectuais de compreensão da realidade e das exigências sociais, por isso, o indivíduo deve ter o desejo de submeter pela moral, o dever e o prazer (Suchodolski, 2000). Logo, envolve as percepções do lugar ocupado pelos indivíduos nas relações e o papel da educação nesse processo.

Desta feita, o uso da expressão Pedagogia Social, está relacionada aos termos clássicos Durkheimianos da determinação da vida social em que a essência da formação da moral são obras sociais para realização de si próprio (Saviani, 2020). Os entendimentos dessas exigências significam a incorporação por adaptação às relações de trabalho pela moral dignificadora desse ato, que é

⁵ Émile Durkheim (1858-1917) é um dos grandes teóricos da sociologia conservadora e, por isso, é apresentado como pertencente à linha da pedagogia do consenso em oposição à Marx. Ele e seus colaboradores se esforçaram para emancipar a sociologia das demais teorias da sociedade a fim de constitui-la como disciplina rigorosamente científica, e entendia a neutralidade como fator inerente à pesquisa (Costa, 1997).

⁶ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi um filósofo alemão que se assentava na base idealista no sentido de perceber o homem como uma essência abstrata e o Estado como superior no seio social (Marx, 2010).

⁷ August Comte (1798-1857) foi um filósofo francês considerado fundador do positivismo. Para ele "[...] o acesso ao conhecimento só se fará pelo método da experimentação que se organiza por meio da observação direta da experiência sensível" (Franco, 2008).

projetado às propostas de educação para os filhos da classe trabalhadora, pobres em geral.

Nas primeiras décadas do século XX, têm-se a segunda etapa (1920-1933) da Pedagogia Social tanto com a continuidade do idealismo de Paul Natorp como a consolidação da articulação da Pedagogia Social e o sentido da práxis advindo do movimento pedagógico de Herman Nohl (1879-1960) – que passou a ser denominado como pai da Pedagogia Social alemã, por ter impulsionado decisivamente os aspectos teóricos e práticos da área (Caride, 2004). Na continuidade desse percurso a discípula e colabora direta de Nohl, Gertrudis Bäumer (1873-1854) - diretora do Instituto de Pedagogia Social (1917), fundou em Berlim junto com o filósofo, pedagogo e psicólogo alemão Eduard Spranger (1882-1963) a Academia Alemã para o Trabalho Social e Pedagógico Feminino (1925) (Caride, 2004).

Nesse percurso, a Pedagogia Social, passou a ser compreendida como conceito ordenado de uma parte da Pedagogia geral, com fins específicos voltados a formação popular a partir da realidade concreta para o bem do sujeito mediante as mudanças do contexto (Díaz, 2006). Dessa maneira, se delineava uma postura de formação, investigação e de ações a serem realizadas nas diferentes instituições sociais da época.

Apenso a esse recorte histórico, soma-se o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que eclodiu em face dos movimentos políticos para expansão de territórios e ante as crises nacionais e internacionais dos países envolvidos. A guerra foi marcada por um intenso número de mortos em face, tanto de conflitos diretos, como do excesso de fome e doenças, pessoas feridas, crianças órfãs e os nascimentos que deixaram de acontecer (Hobsbawn, 1988). Diante disso, a ordenação da Pedagogia Social tem uma ligação com as questões bélicas, sobretudo, no aprofundamento das desigualdades sociais das massas coadunado a visão de uma educação popular para os mais necessitados.

Após a Primeira Guerra e curso da Segunda Mundial (1939-1945) têm-se a terceira etapa⁸. A Pedagogia Social foi utilizada como propaganda política do nacional-socialismo de Adolph Hitler⁹ que se impôs na Alemanha em 1933, o que limitou as instituições sociais e demandou o exílio de protagonistas da área e do trabalho social, assim, a teoria foi limitada à aplicação dos problemas pedagógicas, ainda com base na comunidade a fim de formar valores e atitudes nacionalistas (Díaz, 2006; Fichtner, 2020)¹⁰. Essa também foi uma época de sobreposição do ideal da raça ariana em detrimento dos demais grupos sociais como os judeus - alvos de perseguições violentas e discriminatórias.

Finalizada a Segunda Guerra Mundial, que também provocou mortes, orfandade e aprofundou o aumento de desemprego, marginalidade, desigualdade social e econômica ganha ênfase uma forma científica da Pedagogia Social. A partir de então, a Pedagogia Social assumiu um papel relevante em um contexto “[...] no qual se se procurava uma solução para conflitos sociais. Toda esta situação criou a necessidade de uma pedagogia, que respondesse e orientasse para uma coesão social” (Sant’anna; Flandoli, 2020; Zanella, Lara; Cabrito, 2018). Esse posicionamento relaciona-se de certa forma com as bases dos percursos da Pedagogia Social, uma vez que eles se fundamentavam em preceitos religiosos, na sujeição e adaptação social do indivíduo e no trabalho como uma ação moralizante desenvolvida no âmbito da educação institucionalizada.

Em relação a quarta etapa, o pós-guerra demarcou o seu desenvolvimento (1950 até os dias atuais). Desde então, os defensores da área,

⁸ A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) envolveu grandes potências como os aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos) e o eixo entente (Alemanha, Itália e Japão) em um conflito marcado dentre outros acontecimentos, o lançamento das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, e por ser período de tensão entre os projetos fascistas, liberal-burguês e socialista (Behring; Boschetti, 2016).

⁹ Adolph Hitler (1889-1945) foi o líder do partido nazista da Alemanha. O seu discurso era voltado ao sentimento nacionalista, antisemita e radical de perseguição ao comunismo, bem como de idealização da raça ariana sobremaneira, pela propaganda política viabilizada através de meios como a tradicional televisão do povo.

¹⁰ As questões de uso da Pedagogia Social e das terminologias da área ainda estão sendo investigadas pelas pesquisadoras. Convém mencionar, que neste artigo a questão de investigação, está sendo respondida sem a coleta de dados empíricos, não havendo, portanto, uma pesquisa de campo, mas uma pesquisa teórica e bibliográfica (Matos *et al.*, 2023).

vem tentando fundamentar a Pedagogia Social em bases críticas numa relação articulada entre educação e estrutura social. A partir de então, a sua orientação passou a ser a práxis pedagógica-social com enfoque preventivo e de aprofundamento dos conhecimentos sobre os fatores sociais, a fim de promover e alcançar a integração social no sentido de obtenção da paz, por isso nesse contexto ganhou ênfase o discurso da paz social, da justiça restaurativa e da mediação de conflitos.

Dentre os que se debruçam sobre o assunto, Klaus Mollenhauer (1928–1998) tornou-se um dos grandes nomes da Pedagogia Social crítica na Alemanha. O termo crítico passou a ser utilizado para enfatizar que ele adotou perspectivas emancipatórias como parte do seu pensamento a partir da metade dos anos 1960, depois de um período da produção teórica orientada hermeneuticamente (Ryynänen, 2014). A perspectiva crítica está relacionada ao fato de que o teórico passou a realizar análises com dimensões históricas, políticas, econômicas e sociais vinculadas à Pedagogia Social, sendo um dos principais autores que discorrem sobre essa ciência seguindo essa perspectiva (Díaz, 2006; Mendizábal, 2016).

Nesse ínterim, o percurso da Pedagogia Social antes e depois de ser concebido com cientificidade, é marcado pela educação destinada aos pobres; formação pelo trabalho e adaptação a sociedade vigente com ligações às questões sociais ou não; a idealização das crianças e das mulheres marcada pela dualidade diferenciação das infâncias; diferenciação nas formas de educação; conflitos históricos de expansão do poder político e econômico capitalista, sobretudo, pelos casos bélicos; associação ou dissociação da Pedagogia para situar especialmente nas ações educativas fora da escola, delegando a primeira o papel limitado enquanto ciência, discussão gerada a partir de sua identificação.

Cabe destacar que a Pedagogia Social desde a metade do século XIX tem sido desenvolvida na Alemanha e se espalhado para outros países, sobretudo, no último século. No Brasil, o seu percurso teórico e acadêmico é, bastante recente e, comumente atrelado aos escritos de Paulo Freire na busca por uma fundamentação crítica. Em face disso, o discurso articula-se com a

perspectiva de educação cidadã – longe revolucionariamente da educação popular – defendida por Freire, posto que de certa forma, os estudos desse teórico se aproximam aos preceitos de alicerce da área sobre a educação dos necessitados ou dominados, o que desvela o reconhecimento de seu caráter oposto às ações voltadas ao público em vulnerabilidade social.

3.2 Adaptação da Pedagogia (social) no Brasil

No rol do debate sobre a cientificidade da Pedagogia e os espaços que ela abrange, se inserem várias terminologias que buscam separar e fundamentar o que é realizado em cada espaço e se há ou não intencionalidade no ato educativo proposto. Como demonstrado anteriormente, o seu trajeto mais longo foi traçado diante do entendimento de que sua base e finalidade consiste na docência, e de que o único lugar em que ocorre é na escola.

Na metade do século XX, esse posicionamento passou a ser modificado face ao interesse de pesquisadores em discutir as dimensões que ela abarca, bem como os espaços possíveis de inserção do profissional pedagogo. Para tanto, criou-se um vasto vocabulário para determinar cada situação e reflexões que quanto a atenção devida ao seu uso, pois são substantivos forjados dentro de um marco histórico determinado, que carregam a ideologia das pessoas e instituições que a criaram. É, portanto, o anúncio de como se pensa a educação, a própria formação do homem, o processo de ensino-aprendizagem, e o modelo que se pretende implantar para dar conta de indivíduos devidamente situados na sociedade.

A educação é objeto da Pedagogia que por sua vez envolve os campos identificados no primeiro grupo a educação formal (instâncias escolares ou não, que possui uma ação intencional institucionalizada); educação não formal (ação realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais com certo grau de estruturação e sistematização); educação informal (ações e influências exercidas pelo meio e ambiente sociocultural que não estão ligadas especificamente a uma instituição não sendo intencionais e organizadas) (Libâneo, 2009).

Sobre o uso desses termos, na década de 1970 a ideia de que a educação estava passando por uma crise ganhou força. Essa compreensão partiu, sobretudo, de alguns autores alinhados ao viés do Capital Humano, que reforçaram o modelo tecnicista de educação no período de efervescência da educação popular de jovens e adultos, o que “[...] resultou na formalização de tal modelo que foi apropriado pelo Estado e se transformou, na década de 1970, em Educação de Jovens e Adultos (EJA)” (Zanella, 2018, p. 156).

No segundo grupo, têm-se educação escolar, não escolar e intencional que abarca a separação dos termos, mas entende as proposições que atuam no plano de fundo da prática educativa. E correspondendo, especialmente, aos espaços fora da escola e ao não formal, se usa também a nomenclatura Pedagogia Social. Essa última ganhou visibilidade face às problemáticas quanto a multiplicidade de campos de atuação dos pedagogos, inclusive, com intenção de criação de um curso superior voltado a formação de educadores sociais.

Sobre os aspectos históricos que deram forma a esse discurso:

No Brasil, a história da Pedagogia Social, tem suas raízes no século XIX, quando nas ações de inclusão social de grupos em situação de vulnerabilidade, como pobres, negros, escravos livres e libertos. De maneira formal, ela surgiu na primeira metade do século XX, mediante ações voltadas ao direito a educação, e diante disso, vários autores tentaram entender a sua configuração, sobretudo, no contexto brasileiro que apresenta especificidades (Costa, 2022, p. 33).

Assim, depreende-se mediante os episódios de guerra no estrangeiro já anunciavam as leis que iriam se formular no Brasil, sejam de proteção ou punição e privação. Vejamos, como produto dessa disputa, muitas crianças e adolescentes tornaram-se órfãs e passaram ou intensificaram a sua situação, da hoje denominada, vulnerabilidade social. Com isso, o número de normativas a despeito de proteção, direitos e datas comemorativas cresceram exponencialmente e genericamente se estendia a todas as crianças, ao qual não se inclui(a) os menores.

Leis de gratuidade e acesso à escola também apareceram como fato inegável na história, e justamente para atender esse contingente de crianças. A escola então como direito de todos, correspondeu a necessidade de se bifurcar para estabelecer uma educação ao pobre e outra ao rico, na qual o pobre às vezes nem chega a frequentar.

Por isso também, sob a distorção do discurso de que a escola não é o principal espaço de educação por isso sem muita relevância, houve a necessidade de fundamentar a Pedagogia Social com caráter compensatório para atender aqueles que estavam fora do espaço escolar. Longe de afirmar que antes da guerra não tivessem crianças nessa situação, mas com esse marco elas passaram a ser visíveis demais para esconder nos escombros da disputa bélica.

Dessa maneira, com dupla separação da finalidade da educação escolar, a Pedagogia Social também pode conter essa dualidade, ainda que pelo perfil do público-alvo que abarca parece ser a projeção concreta dessa divisão, seja para crianças e adolescentes ou para aqueles que já não são vistos como rentáveis ao capital. Talvez essa tenha sido a preocupação em aproximar os estudos aos pensamentos freirianos de esperança, autonomia e emancipação para assumir um caráter crítico, e por isso, entrou na seara comum a pedagogia da educação popular, dos movimentos sociais, do campo, da terra e da prática (Saviani, 2020). O que foi viabilizado tanto pelas bases fulcrais de relação com a comunidade com foco em uma classe específica.

Nesse cenário, ela possui uma feição própria no Brasil, entendida como Teoria Geral da Educação Social, a qual engloba as práticas populares, sociais e comunitárias que por vezes são destinados ao que alguns denominam de educação não formal (Silva, Neto; Moura, 2020). Ela não é vinculada a uma única área de conhecimento, campo de trabalho ou investigação, e detém algumas áreas prioritárias como a educação, infância e adolescência, juventude, sistema penitenciário .

Ao adentrar o século XXI, as referências que se tem sobre a área no país é a Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica, fundada em 2001; e os Congressos Internacionais de Pedagogia Social, realizados alternadamente

entre os anos de 2006 a 2022 no debate de temas dedicados, por exemplo, a regulamentação da Educação Social como profissão no Brasil, a formação profissional e as áreas de atuação que entendem a Pedagogia Social como a Teoria Geral da Educação Social; o papel da Pedagogia Social como resposta pedagógica à diversidade de ameaças, conflitos e disputas que ameaçam a sociabilidade humana em diversos contextos e partes do mundo, e; a colonialidade do poder, do ser, do saber e da natureza, atrelando a ideia de raça como estruturante do pensamento colonial para a subalternização dos povos colonizados.

Na seara dessas reflexões se pensa a formação do educador social, para dar conta das demandas da educação social corresponde aos aspectos mais polêmicos e divergentes do processo (Machado, Rodrigues; Severo, 2014). Por fim, as discussões no país se voltam por um lado para a multiplicidade de atribuições (não) escolares e insuficiência dos currículos dos cursos de Pedagogia, e por outro, à separação entre as áreas, o que solidificaria a docência como base e o alinhamento mais efetivo com os órgãos do terceiro setor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante ao entendimento do mal-estar existencial quanto a compreensão da Pedagogia como ciência da educação pela finalidade própria de tratamento das questões educacionais, é possível delinear a complexidade e expansão do debate. Defendemos nesta análise que o profissional que atua na área social deve ser formado em cursos de Pedagogia, visto que o Pedagogo possui condições de atuar na área social e na área escolar que por vezes compreende o espaço das instituições sociais. Mostramos na análise que três pensadores sustentam a discussão da área: Pestalozzi, Basedow e Fröebel, sendo eles, sustentados no pensamento do Rousseau. No contexto do século XX, o debate possui como referencial Durkheim e outros pensadores da escola alemã de filosofia e como demonstramos dessas discussões sobre o seu caráter teórico e prático deriva a Pedagogia Social, que tem suas origens na Alemanha, por ser berço de seus principais referenciais.

Desde o século XIX o termo passou a ser usado, no entanto, só assumiu o caráter científico no século XX. Logo a sua construção perpassa esse período histórico e se relaciona com a produção de conhecimento da época, onde em certos momentos ela se atrela aos preceitos que fundamentam a Pedagogia – ciência da educação, e em outros, se aparta quando na discussão mais específica da área.

Assentada em aspectos religiosos e de caráter comunitário, a sua institucionalização se deu em um contexto histórico pós-holocausto, quando esses alicerces foram requeridos para atender crianças e jovens que sobreviveram a guerra e, também para servir aos discursos políticos. Desde o início o foco dos educadores era atender indivíduos/sujeitos necessitados a partir da conjuntura econômica para formação popular. No Brasil, essa perspectiva se faz presente, mas com a especificidade de como direcioná-la a um projeto crítico de emancipação pela sua aproximação aos escritos de Paulo Freire.

Por fim, as formas de compreendê-la divergem quanto as suas bases e provocam discussões quanto as suas finalidades de formação dos sujeitos e de formação de profissionais na área para atuar com eles, posto que teoricamente representa tanto projetos de adaptação como emancipação, Dessa maneira, a formação desse profissional no Curso de Pedagogia pode contribuir para a realização de um trabalho mais criticamente posicionado sobre a sociedade, a educação e os homens e mulheres que desejamos formar.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. **O trabalho docente na pré-escola: revisitando teorias e descortinando práticas.** São Paulo: Pioneira, 2002. (2002).

ARCE, Alessandra. **A Pedagogia na “Era das Revoluções”:** uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (2002).

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história.** São Paulo: Cortez, 2008. (2008).

CARIDE, José Antonio Gómez. **Las fronteras de la Pedagogía Social:** perspectivas científicas e histórica. Cidade: Gedisa, 2004. (2004).

CARVALHO, Adalberto Dias de; BAPTISTA; Isabel Maria de Carvalho; PINTO, Umberto de Andrade. Ciências da Educação, Pedagogia e Pedagogia Social:

inter-relações epistemológicas. In: PIMENTA, Selma Garrido; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Pedagogia: teoria, formação, profissão**. Cortez, 2021 (Edição do Kindle). (2021).

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Editora Moderna, 1997. p. 59 - 95. (1997).

COSTA, Nayara de Souza. **Educação não escolar e o espaço de atuação do pedagogo na socioeducação do Amazonas**. (Relatório de pesquisa). (TCC, Pedagogia). Orientadora Dra. Maria Nilvane Fernandes. Manaus: UFAM, 2022. (2022).

DÍAZ, Andrés Soriano. Uma aproximação à Pedagogia-Educação Social. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 7, n.7, p. 91-104, set. 2006. Acesso em: 12 jan. 2022. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/801>. (2006).

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. (2008).

FICHTNER, Bernd. Pedagogia Social e Trabalho Social na Alemanha. In: SILVA, Roberto da; NETO, João Clemente de Souza; MOURA, Rogério (Orgs.). **Pedagogia Social**. 4 ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2020. (2020).

HOBBSAWN, Eric John Ernest. **A era dos impérios 1975-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (1988).

LARROYO, Francisco. **História geral da pedagogia**. Trad. Luiz Aparecido Caruzo. 10. ed. aum. 2.v. São Paulo: Mestre Jou, 1970. (1970).

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (2009).

MACHADO, Érico Ribas; RODRIGUES, Marli de Fátima; SEVERO, José Leonardo de Lima. Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social no Brasil: entrecruzamentos, tensões e possibilidades. **Interfaces Científicas – Educação**. v3, n.1, p. 11-20, out. 2014. (2014).

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**: inclui as cartas de Marx a Ruge publicadas nos Anais Franco-Alemães. [1843]. Trad. Nélcio Schneider e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010. (Col. Marx-Engels). (2010).

MATOS, Maria Almerinda de Souza; Alecrim, Alexandre Rodrigo Teixeira; COSTA, Raina Rosa Alfaia da; Matos Lopes, Priscilla. Algumas proposições para que se possa compreender o lugar da educação no mundo da ciência. **Revista Amazônica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, [S. l.], v. 7, n. 01, 2023. DOI: 10.29280/rappge.v7i01.12204. Disponível em: [//www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/12204](http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/12204). Acesso em: 7 fev. 2024. (2023).

MENDIZÁBAL, Maria Rosario Limón. La pedagogía social: una disciplina básica en la sociedad actual. **Revista Holos**. Rio Grande do Norte, v.5, p. 52-

69, ju./jul. 2016. Acesso em: 24 jun. 2023. Disponível em:
<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4729>. (2016).

MONROE, Paul. **História da educação**. Trad. de Idel Becker. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1988. (Atualidades pedagógicas, v. 34). (1988).

PESTALOZZI, Johann Heinrich. Carta de Stans: carta de Pestalozzi a um amigo, sobre sua permanência em Stans. INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério). p. 140-158. (1997).

RIBOULET, Louis. **História da pedagogia**. Trad. Justino Mendes. São Paulo: FTD, 1951. (1951).

RYYNÄNEN, Sana. Os fundamentos de uma pedagogia social crítica. **Revista Interfaces Científicas**, Aracaju, v.3, n.1, p. 45 – 56, jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view%20File/1632/979>. Acesso em: 20 jun. 2023. (2014).

SANT'ANNA, Micheline Medeiros dos Santos; FLANDOLI, Beatriz Rosália Gomes Xavier. Educação Social – Pedagogia Social: origem, conceitos e contradições com a Pedagogia Escolar. In: SILVA, Anderson Lincoln Vital da (Org.). **Estudo em Ciências Humanas e Sociais**. Belo Horizonte, MG: Poisson, 2021. p. 30-38. (2021).

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2020. (2020).

SILVA, Roberto da; NETO, João Clemente de Souza; MOURA, Rogério (Orgs.). **Pedagogia Social**. 4 ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2020. (2020).

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. 5. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. (2000).

ZANELLA, Maria Nilvane; LARA, Angela; CABRITO, Belmiro. **Educação Social e popular na educação de jovens e adultos: a atuação dos organismos internacionais**. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, 2018, v. 42, n. 42, p. 76-87. Acesso em: 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/349/34958008007/34958008007.pdf>. (2018).

ZANELLA, Nilvane Maria. **Da institucionalização de menores à desinstitucionalização de crianças e adolescentes: os fundamentos ideológicos da extinção da FUNABEM como solução neoliberal**. 586 f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profa. Dra. Angela Mara de Barros Lara. Maringá, 2018. (2018).